

# Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade

Organizadores: José Augusto Chaves Guimarães e Vera Dodebei



ISKO-BRASIL



Organizadores

José Augusto Chaves Guimarães  
Vera Dodebei

Desafios e perspectivas científicas para a  
organização e representação do conhecimento na  
atualidade.

3

---

Marília, São Paulo.

Sociedade Brasileira de Organização do Conhecimento  
(ISKO-Brasil)  
Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEPE)

2012

## **Organizadores**

José Augusto Chaves Guimarães  
Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei

## **Comissão Científica**

Gercina Ângela Borém de Oliveira Lima  
Johanna W. Smit  
Lígia Maria Arruda Café  
Maria Luiza de Almeida campos  
Marisa Bräscher Basílio Medeiros

## **Editoração:**

*Assessoria editorial:* René Faustino Gabriel Junior  
*Editoração, capa e projeto gráfico:* Maíra Fernandes Alencar

© A reprodução desse livro na íntegra ou em parte é permitida, desde que citados os créditos. Proibida a venda.

D441

Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dobedei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil : FUNDEPE, 2012.

285: il., fots.

e-Book

**ISBN: 978-85-98176-45-1**

1. Organização do Conhecimento. 2 ISKO. I. Guimarães, José Augusto Chaves. II. Dobedei, Vera. Título

CDD 025.4

## **A representação dos identificadores geográficos na identidade cultural: Um estudo em narrativas orais da área do marajó na amazônia paraense**

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira  
Bruno Pereira dos Santos  
Fellipe Borges de Oliveira

### **1 INTRODUÇÃO**

O RESNAPAP é um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará, que em sua segunda versão, vem estudando tanto os termos culturais como os identificadores geográficos retirados de narrativas orais, a fim de mostrar um aspecto da taxionomia dos identificadores geográficos, conhecidos como topônimos.

Assim, em virtude do homem ocupar um determinado espaço físico e precisar dispor geograficamente dele, houve a necessidade de nomear o ambiente físico-social que o cerca, sendo esta uma condição para a garantia de sua própria sobrevivência.

Dessa forma esse homem foi dando nome a lugares, ou seja, criando topônimos que segundo Aguilera (1999) é a relação do homem com a natureza, onde o mesmo é o responsável pela denominação dos acidentes geográficos que o cercam, sendo que essas denominações não são feitas de formas aleatórias, mas sim por uma impressão sensorial e/ou sentimental.

Partindo-se do problema de que pouco se conhece acerca dos topônimos para a recuperação e elaboração de linguagens em sistema de informação, neste trabalho, o objetivo é conhecer os termos do espaço como identidade cultural, no sentido de mostrar a importância do conhecimento dos nomes dados aos acidentes geográficos da área do Marajó para facilitar a organização, representação e recuperação da informação.

137

---

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A informação como um fator determinante para a melhoria de processos, produtos e serviços vem valorizar estrategicamente a organização (TARAPANOFF, 2006). Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino desde antes de seu nascimento (BARRETO, 2002). Isto mostra a importância por meio de sua identidade genética, e durante sua existência pela capacidade que tem em relacionar suas memórias do passado, voltadas com um olhar no futuro e, assim, determinar seguimentos para realizar a sua atividade individual no espaço e no tempo.

Neste sentido, a organização do conhecimento segundo Oliveira (2009) pode ser delineada como o processo de modelagem que visa à construção de representações, considerando as condições de produção e uso da linguagem, enquanto objeto de reflexão que pode ser estudada de várias maneiras.

A representação do conhecimento como parte da Ciência da informação vem contribuir com a organização para a melhor recuperação da informação, enquanto a toponímia vem ajudar no entendimento linguístico, espacial e socio-histórico-cultural.

De acordo com Dick (1987), o estudo da toponímia teve seu início na Europa, mais especificamente na França, por volta de 1878 por Auguste Longnon na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França.

Já no Brasil, Moreira (2006) destaca que os estudos toponímicos foram incentivados por Teodoro Sampaio (1914) com a obra *O Tupi na Geografia Nacional*, Armando Levy Cardoso (1961) com *Toponímia brasileira* e Carlos Drumond (1965)

com *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*, na Universidade de São Paulo – USP. No entanto, a continuação das pesquisas vem sendo de responsabilidade da professora e Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Sua tese de doutorado *A motivação toponímica e a realidade brasileira* apresentada ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP foi publicada em 1990, emprestando valiosos subsídios, não só para a História, como também à Geografia, às Ciências Sociais e, no nosso caso, incluímos a Ciência da Informação.

Para entendermos a toponímia observamos que é um dos ramos da onomástica, responsável pelo estudo dos nomes próprios que designam lugares, no qual podem constituir acidentes geográficos físicos e humanos, ou seja, ela estuda a estrutura e a formação dos nomes designados a identificarem os lugares, motivados pelo homem ou natureza (SOUSA, 2007).

Além de possuir uma função identificadora, a toponímia assume valores que transcendem essa função, possibilitando a recuperação das características socio-histórico-culturais que motivaram o denominador a empregar o nome em um determinado espaço geográfico.

Como os nomes usados para identificar os acidentes geográficos são denominados de topônimos, esses itens lexicais, juntos com o próprio processo de nomeação, constituem o objeto de investigação da toponímia. Por essa razão, Dick (1987, p. 13) afirma que:

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formados.

Dessa relação binômica, observa-se dois elementos básicos, sendo um, que se convencionou denominar termo ou elemento genérico (categorias espaciais), relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação e o outro, o elemento ou termo específico (o topônimo propriamente dito), que irá particularizar a noção espacial.

Dick (1987) em sua obra “Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos” apresenta um quadro com a classificação das taxionomias da toponímia, dividindo-as em dois grupos: as taxionomias de natureza física e as taxionomias de natureza antro-po-cultural, onde organiza os topônimos de acordo com sua significação e etimologia.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para esta pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico para dar suporte teórico ao entendimento sobre topônimos e a ratificar importância da representação da informação.

Essa pesquisa em toponímia integra os estudos em onomástica e, neste campo, considera-se o acervo lexical como parte do sistema lingüístico em que é possível ser observado o recorte cultural da comunidade, incluindo suas práticas sociais e culturais.

O trabalho parte de narrativas orais recolhidas na ilha do Marajó, como parte da Amazônia paraense, em cinco municípios: Breves, Cachoeira do Arari, Melgaço, Muaná e Soure, como mostra o mapa abaixo para a realização da classificação de acordo com o modelo taxionômico de Dick (1987).



Mapa 1: Mapa da área do Marajó trabalhada.

Fonte: OLIVEIRA, 2011. (Adaptado do software Google Earth)

#### 4 RESULTADOS

Na leitura de 127 narrativas orais, recolhidas na ilha do Marajó, foram coletados 123 topônimos. Destas 127 narrativas, 42 são de Breves com a retirada 45 topônimos, 15 são de Cachoeira do Arari, com 29 topônimos, 31 de Melgaço com 17 topônimos, 24 de Muaná com 14 topônimos e 15 de Soure com 18 topônimos, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Tabela comparativa entre os municípios, topônimos (com repetições) e narrativas.

NARRATIVAS	TOTAL/TOPÔNIMO	QTD NARRATIVAS	% QTD NARRATIVAS
<b>BREVES</b>	45	42	33,07%
<b>CACHOEIRA DO ARARI</b>	29	15	11,81%
<b>MELGAÇO</b>	17	31	24,41%
<b>MUANÁ</b>	14	24	18,90%
<b>SOURE</b>	18	15	11,81%
<b>TOTAL</b>	123	127	

Fonte: Narrativas da Área Marajoara recolhidas pelo projeto IFNOPAP, [1999?]

Desses 123 topônimos, indicados na tabela 1, apenas 35 fazem parte do corpus geográfico da ilha do Marajó, sendo que 3 topônimos não tiveram a sua etimologia identificada, ficando no total de 32 para a classificação taxionômica.

Nesse corpus, observa-se que o signo linguístico estabelece com a história, a cultura da região nomeada e com o estudo toponímico, uma investigação acerca da interrelação entre o homem, seu ambiente, sua língua e sua cultura. Logo, a classificação taxionômica dos topônimos parte do conteúdo semântico dos mesmos, relacionado ao componente motivacional que no nome se reflete.

Assim, no quadro 1, vemos os fatores de ordem socio-histórico-culturais, que são as taxas de natureza antro-cultural relacionadas ao nome do topônimo de acordo com as categorias espaciais que aparecem como: escola, igreja, município, praia, rio e rua.

CLASSIFICAÇÃO DA TAXE	NOME DO TOPONIMOS	CATEGORIA ESPACIAL
AXIOTOPÔNIMO	DO PAJÉ	PRAIA
AXIOTOPÔNIMO	DR. ASSIS	RUA

COROTOPÔNIMO	<b>BAGRE</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>BREVES</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>CACHOEIRA DO ARARÍ</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>GURUPÁ</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>MELGAÇO</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>PONTA DE PEDRAS</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>PORTEL</b>	MUNICIPIO
COROTOPÔNIMO	<b>Soure</b>	MUNICIPIO
ERGOTOPÔNIMO	<b>DAS PANELA</b>	IGURAPÉ
ETNOTOPÔNIMO	<b>AMAZONAS</b>	RIO
ETNOTOPÔNIMO	<b>CACUAJÁ</b>	RIO
HIEROTOPÔNIMO:hagiotopônimo	<b>SANTO AGOSTINHO</b>	ESCOLA
HIEROTOPÔNIMO:hagiotopônimo	<b>DE NAZARÉ</b>	IGREJA
HIEROTOPÔNIMO:hagiotopônimo	<b>NSª SRª DA CONCEIÇÃO</b>	IGREJA
HIEROTOPÔNIMO:hagiotopônimo	<b>SÃO MIGUEL ARCANJO</b>	IGREJA
HIEROTOPÔNIMO:mitotopônimo	<b>DA FEITIÇEIRA</b>	PRAIA
NUMEROTOPÔNIMO	<b>15 DE AGOSTO</b>	RUA

Quadro 1: Topônimos, de natureza antro-po-cultural, retirados das narrativas da área do Marajó.

Fonte: Pesquisa de campo (2011)

O quadro 2 apresenta as taxas de natureza física que se agrupam em função do ambiente, relacionadas aos nomes dos topônimos, onde as categorias espaciais que aparecem são: bairro, comunidade, distrito, igarapé, ilha, lago, praia, rio, rua e vale.

<b>CLASSIFICAÇÃO DA TAXE</b>	<b>TOPONIMOS</b>	<b>CATEGORIA ESPACIAL</b>
FITOTOPÔNIMO	<b>CAPINAL</b>	ILHA
FITOTOPÔNIMO	<b>DO GUAJARÁ</b>	VALE
FITOTOPÔNIMO	<b>DO GUAJARÁ</b>	LAGO
FITOTOPÔNIMO	<b>GUAJARÁ</b>	RIO
FITOTOPÔNIMO	<b>LIMÃO</b>	COMUNIDADE
FITOTOPÔNIMO	<b>MANGUE</b>	IGARAPÉ
HIDROTOPÔNIMO	<b>CACHOEIRINHO</b>	BAIRRO
HIDROTOPÔNIMO	<b>DE MELGAÇO</b>	PRAIA
HIDROTOPÔNIMO	<b>MARAJÓ</b>	ILHA
ZOOTOPÔNIMO	<b>ACANGATÁ</b>	DISTRITO
ZOOTOPÔNIMO	<b>ARARÍ</b>	RIO
ZOOTOPÔNIMO	<b>CURICA</b>	RUA
ZOOTOPÔNIMO	<b>DO JABUTI</b>	PRAIA

Quadro 2: Topônimos das narrativas da área do Marajó de natureza física

Fonte: Pesquisa de campo (2011)

## 5 CONCLUSÃO



Com a observação do espaço geográfico da ilha do Marajó percebe-se que há aspectos físicos e culturais, ou seja, aspectos relacionados com a geografia física e com aspectos relacionados com a geografia cultural, onde nesse segundo são intensificadas as relações socio-espço-cultural.

No estudo da geografia cultural encontra-se a toponímia como sendo a compreensão dos nomes de lugares, considerando os aspectos do surgimento da identidade e da significação dos nomes.

Assim, este modelo taxionômico de classificação leva a uma compreensão tanto do significado do termo como da relação do homem com a natureza uma vez que facilita a recuperação para o uso da informação.

A idéia de organizar e representar os topônimos para elaboração de linguagens documentárias vem ampliar os estudos na área da Ciência da Informação, dando um caráter interdisciplinar, uma vez que estimula uma relação com outras ramificações do conhecimento, como a Linguística, Antropologia e Terminologia, gerando um produto do diálogo entre elas, permitindo à Ciência da Informação desenvolver linguagens de representação que se aproximem mais da realidade dos falantes, valorizando as expressões peculiares do falar paraense e da área da Amazônia estudada.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: problemas sem solução? **Signum: estudos linguísticos**, Londrina, n. 2, p. 125-137, out. 1999.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **Rev. São Paulo em Perspectiva**, v.16, n.3, p.67-74, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudo**. São Paulo: [s.n.], 1987.

MOREIRA, Hélio Costa. A toponímia paraense na rota dos tropeiros: caminho das missões e estrada de Palmas. In: **SIMPÓSIO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA**, 11., 2006, Uberlândia. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_397.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_397.pdf)>. Acesso em: 10 de ago. 2010.

OLIVEIRA, Fellipe Borges de. **Mapa da área do Marajó trabalhada**. Belém: [s.n.], 2011. (Adaptado do software Google Earth).

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. Da narrativa oral à representação do conhecimento. In: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 9, Valencia, 2009. **Actas...** Valencia: Universitat Politècnica de València, 2009. Tomo 1

SOUSA, Alexandre Melo de. **A Toponímia da Amazônia Ocidental brasileira e as marcas da cultura nordestina**. Recanto das Letras, 2007. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/771164>>. Acesso em: 05 out. 2010.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: \_\_\_\_ (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 19-35.

## SOBRE OS AUTORES

Ao Comitê Científico do 1 Congresso Brasileiro de Organização e Representação do Conhecimento

Conforme solicitação no informes de apresentação de trabalhos.

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira é Doutora em Ciências da Informação pela “Universidad Complutense de Madrid”, Espanha. É professora do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará e na pesquisa coordenada o projeto “A representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação (RESNAPAP) e também é autora de trabalhos publicados na área da Representação do Conhecimento a nível nacional e internacional.

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá. 66075-110.  
Belém/Pará/Brasil  
[odaisa@ufpa.br](mailto:odaisa@ufpa.br)

Bruno Pereira dos Santos  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Bolsista PIBIC/FAPESPA  
Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá. 66075-110.  
Belém/Pará/Brasil  
[bruno.santos@icsa.ufpa.br](mailto:bruno.santos@icsa.ufpa.br)

Fellipe Borges de Oliveira  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Bolsista PIBIC/FAPESPA  
Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá. 66075-110.  
Belém/Pará/Brasil  
[fellipe.oliveira@icsa.ufpa.br](mailto:fellipe.oliveira@icsa.ufpa.br)